

REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS 13

Antero de Quental



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1991

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTÉTICA
DE UM POETA PESSIMISTA

– *Que te diz a natureza,
A despedir-se saudosa
Já do dia?
Quando a noite é mais formosa
E o luar tem mais beleza?*
– *Fúria...* (1)

Da obra de Antero de Quental é na poesia que mais concretamente se destaca não só uma natureza artística mas também uma evolução psicológica. É na sucessiva produção da obra poética que se nota a transição do canto fervoroso, apaixonado, juvenil, das *Odes Modernas*, para a linguagem plena de subjectividade e de metafísica dos *Sonetos*.

Ainda que variando de substância a poesia de Antero mantém-se sempre, no essencial, idêntica, reflectindo os princípios que o artista entendia que toda a poesia exige, isto é: ser moral (por oposição a imoral ou a amoral), verdadeira, estar unida ao sentimento, racional; ser, sempre que possível, uma poesia do seu tempo e, por conseguinte, social, revolucionária em caso de necessidade. Deve ter por telão de

* Instituto de Educação da Universidade do Minho.

(1) "A...", in *Raios de Extinta Luz e outras Poesias*, pp. 31-32.

fundo a natureza. Todavia, se Antero frisa a união que o verdadeiro poeta deve manter com a natureza nunca se apresenta como um naturalista. A questão é outra: a poesia encontra-se ligada à natureza por tradição (na poesia greco-latina, nos poetas do Renascimento): assim, a sua posição é a da constatação de uma correspondência histórica e não de empenho pessoal ou de escola. A poesia deve ser, além disso, realista e filosófica – di-lo em período posterior do seu pensamento.

Há uma outra constante: a sua presença. Todo o canto do poeta é o desafogo do que se lhe passa na alma. Neste aspecto, o que escreve são confissões de carácter profundamente humano, que nos tocam, nas quais o homem se manifesta e desvenda aos demais. Não é de admirar, portanto, que as qualidades que julga próprias de todo o verdadeiro poeta – pureza, independência, idealismo, sentimento, sensibilidade, dom profético – sejam precisamente aquelas que os biógrafos lhe atribuem. Antero poeta concebe a imagem do verdadeiro poeta à semelhança da sua.

Não obstante, a poesia de Antero é de valor variável e, nem sempre, de primeira qualidade – confirma-no-lo a voz autorizada de Guerra Junqueiro (2). Particular relevância merecem, nesta perspectiva, os *Sonetos*, de majestade superior e inalcançável transcendência. Os *Sonetos* não são, somente, a manifestação duma sensibilidade e lucidez suprema mas também a expressão própria e particular que essa sensibilidade encerra. As prosas, os ensaios, são o produto do estudo e da reflexão. Mas não provocam a mesma emoção nem a mesma impressão. O que equivale a dizer que o melhor da sua obra se deve procurar na poesia e que para além de conferencista, polemista, político, panfletário, divulgador, filósofo, esteta, Antero foi, sobretudo, poeta. Poeta pela aptidão que tinha para pôr o pensamento em verso (sendo a facilidade a primeira das condições do talento); poeta pela maior facilidade para expor em verso que em prosa – o verso era sempre o primeiro apoio, como confessou; poeta, ainda, pela verdade do sentimento. Transparece que se trata de uma poesia sentida, a confissão mais íntima a que pode chegar um espírito enquanto testemunho da verdade.

Não é este o momento adequado para desenrolar outras considerações

(2) "O Drama da sua Vida", in *Antero de Quental. In Memoriam*, p. 475.

justificativas da profunda essência poética dos *Sonetos*. Parece visível a transcendência, a doçura, a fantasia, o tormento que contêm. Pode criticar-se a matéria metafísica e psicológica de alguns ou o transporte declamatório de outros. Mas sente-se que neles se encontra a verdadeira poesia.

Se acreditarmos sem reticências que, para Antero, versejar foi sempre coisa perfeitamente involuntária, já surpreendente é verificar que foi um dom que se lhe esgotou ou que deixou de ter a permanência e a continuidade de outrora. Em 1884, com 42 anos, confessaria que havia três anos que deixara de fazer versos, curiosamente "(...) quando começava a pensar e a sentir algo que realmente merecesse ser posto em verso" (3). E a menos de dez meses da sua morte num momento de depressão, escreveria: "Versos já não os faço..." (4) crendo que a única coisa que ganhou foi fazê-los sempre perfeitamente sinceros....

Dos três gêneros clássicos – trágico, épico e lírico – é para este último que se inclina. O lirismo traduz-se numa linguagem de iniciados que deve ser a expressão fiel da vida íntima, dos sentimentos e das paixões individuais (5) sendo que o soneto é para si a forma superior do lirismo, e mais: a sua forma completa, já que é a forma que melhor se lhe adapta (6).

É devido à necessidade de fidelidade ao sentimento que Antero mostrou sempre hostilidade à poesia dos séculos XVII e XVIII, quer dizer, à produção de qualquer tipo de poesia a que faltasse a verdade poética. Por outro lado, desta sua convicção da identidade da poesia com a moral e com a virtude, a que já nos referimos, resulta a ousada rejeição do Satanismo não obstante o reconhecimento desta nova corrente poética. Para Antero, o satanismo é a expressão de uma consciência, a consciência do homem moderno que reflecte sobre a podridão das suas abomináveis baixezas.

As razões da recusa da poesia satânica, por viciosa e contrária à verdadeira poesia são, provavelmente, de índole idêntica às que conduzem à sua confessa incapacidade para a poesia erótica: "dans le genre erotique je ne crois avoir jamais rien fait qui mérite d'être

(3) Cartas de Antero de Quental, a D. Maria Amália V. de Carvalho, 24-12-?

(4) *Idem*, a Alberto Osório de Castro, 25-11-1890.

(5) "A propósito d'um Poeta", in *Prosas*, Vol. I, p. 98.

(6) "A João de Deus", in *Idem*, Vol. I, pp. 128-129.

Antero de Quental

traduit..." (7). As produções da sua musa erótica "vraiment n'ont rien d'original ni de piquant" (8).

A finalizar. Habitados como estamos a interpretações que dão como pessimista parte essencial da poesia anterior, facilmente a qualificamos de obscura, nocturna. Inconscientemente, damos cor ao sentimento, associando pessimismo e trevas, tal como associamos pureza e inocência com a alva brancura. De facto, atendemos pouco às exigências que Antero faz à poesia para que esta mereça o título de genuína – ser moral, verdadeira, racional – que, recordemo-lo, são as características ingénitas da sua. Ora, moralidade, verdade e racionalidade conformam definitivamente em toda a consciência ética (quem o duvida?) o espírito cristalino; não deverão igualmente fundamentar toda a poesia luminosa? O que explica, desde logo, a oposição do poeta à poesia satânica que ele pressente perversa na congeminação e tenebrosa na substância. Desta maneira, se a poesia de Antero é, bastas vezes, sombria na confabulação nada tem de sombrio o espírito que a concebeu.

Esse é luz que, ainda hoje, ilumina quem o lê.

(7) Cartas de Antero de Quental, a Tommazzo Canizarro, 10-1-1885.

(8) *Ibidem*.